



Seção

Temática Livre



As sete últimas palavras de Jesus na cruz como poder de afeto na educação

The Seven Last Words of Jesus on the Cross as the Power of Affection in Education

Renato Santos da Silva³²⁷

Docente na Faculdade Capixaba da Serra (Multivix)

Resumo: O presente artigo destaca as sete últimas palavras de Jesus na cruz e seu poder de afeto no contexto educacional. Destaca-se acontecimentos que prescindiram a crucificação do Senhor Jesus. A primeira abordagem feita é em relação ao Seu julgamento. Veremos características do injusto julgamento a que fora submetido, para então analisarmos o tipo de sentença/execução resultantes deste inquérito. Finalmente vê-se que na crucificação, muito embora seu corpo estivesse preso, sua cabeça pendia livre, podendo assim, não somente ver o que se passava ao seu redor, mas também falar. Proferiu nos intervalos sete palavras. Estas palavras são como sete janelas que abertas dão vazão ao mais belo interior que já perscrutou a humanidade. Cada uma de Suas *sete últimas solenes declarações na cruz* tem implicações didático pedagógicas especiais. Por fim, veremos que Jesus triunfou dos Seus sofrimentos com invejável abnegação e amor pela humanidade, denotando assim profundo interesse por todos nós.

Palavras-chave: Educação. Religião. Crucificação. Jesus.

Abstract: This article highlights the seven last words of Jesus on the cross and their power of affection in the educational context. It emphasizes events preceding the crucifixion of the Lord Jesus. The first approach is related to His trial. We will examine characteristics of the unjust trial to which He was subjected and then analyze the type of sentence/execution resulting from this inquiry. Finally, it is observed that during the crucifixion, although His body was bound, His head hung free, allowing Him not only to see what was happening around Him but also to speak. He uttered seven words during the intervals. These words are like seven windows that, when opened, reveal the most beautiful interior ever scrutinized by humanity. Each of His seven last solemn declarations on the cross has special didactic-pedagogical implications. Ultimately, we will see that Jesus triumphed over His sufferings with enviable self-denial and love for humanity, demonstrating profound interest in all of us.

Keywords: Education. Religion. Crucifixion. Jesus.

³²⁷ Mestre em Administração pela Fucape Business School. Graduado em Administração pela Doctum, Licenciatura Plena em Matemática pela Fabra. Bacharel em Teologia Pastoral e em Educação Cristã pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida. Especialista em Aconselhamento Cristão - SETEBES. Especialista em Design Instrucional - IFES CEFOR. Especialista em Formação Docente em Educação à Distância - ESAB. Especialista em Docência do Ensino Superior - FABRA. Especialista em Ensino Religioso - FABRA. Especialista em Comportamento Organizacional e Gestão de Pessoas pela ESAB. Docente na Faculdade Multivix.

Introdução

Este artigo visa destacar as implicações didático educacionais das *sete últimas solenes palavras de Jesus na cruz*. Para isso, foi destacado os acontecimentos que prescindiram a crucificação do Senhor Jesus. A primeira abordagem feita é em relação ao julgamento de Jesus. Veremos algumas características do injusto julgamento a que Ele fora submetido, para então analisarmos o tipo de sentença e execução resultantes deste inquérito.

Finalmente veremos que em sua crucificação, muito embora seu corpo estivesse preso, sua cabeça pendia livre, podendo assim, não somente ver o que se passava ao seu redor, mas também falar. Proferiu, portanto, nos intervalos, sete palavras. Estas palavras são como que sete janelas que se abrem, dando vazão, para o mais belo interior que já analisou a humanidade. Cada uma de Suas *sete últimas solenes declarações na cruz* tem implicações didático pedagógicas especiais!

Por fim, veremos que Jesus triunfou dos Seus sofrimentos com invejável abnegação e amor pela humanidade, denotando assim um profundo interesse por todos nós.

O método usado para a construção deste trabalho foi a utilização de materiais narrativos e dissertativos, como livros, comentários, anotações bíblicas, análises históricas, bem como Bíblias e uma mensagem.

1 O julgamento de Jesus

Nenhum julgamento nos trágicos anais da humanidade teve consequências mais relevantes e significativas do que o de um obscuro líder religioso judeu, que chegou a Jerusalém com um pequeno grupo de seguidores e foi preso, condenado e executado há cerca de dois mil anos atrás. Nenhum outro julgamento teve impacto maior, para o bem e para o mal, sobre a vida dos homens, do que o julgamento de Jesus de Nazaré.

Este julgamento teve lugar perante dois tribunais, o religioso e o civil. Jesus passou por três inquéritos em cada um respectivamente. Examinemos, portanto, pormenores deste julgamento.

1.1 O julgamento religioso

A primeira categoria de julgamento pelo qual Jesus passou foi o religioso. Este julgamento transcorreu em 3 tribunais. Acontecendo logo após aprisionarem Jesus Cristo no Jardim do Getsemâni, o que ocorrera no fim da noite de quinta-feira, por volta das vinte e três horas (Jo. 13:1; 18:1-11).

A primeira etapa do inquérito religioso teve lugar perante Anás. Entretanto este propriamente dito não julgou à Jesus, desejava somente vê-lo e fazer algumas perguntas (Jo. 18:12-14).

A segunda etapa teve lugar perante Caífas e uma representação enviada pelo sinédrio (Jo. 18:24). Estes condenaram injustamente Jesus como digno de “*réu de morte*” (Mt. 26:66), alegando que Ele cometera uma blasfêmia por se proclamar o Filho de Deus (Mt. 26:63,65; Lc. 22:70; Jo. 19:7) - (conforme ‘Nm 15:30’, o blasfemo era digno de morte).

Finalmente o terceiro inquérito deu-se perante uma assembleia geral do Sinédrio. Esta fora uma reunião formal, (Lc. 22:66), sob a presidência de Caífas (Jo. 18:24), que tinha como objetivo ratificar a acusação formulada pelo conselho noturno e transformá-la numa condenação oficial do Sinédrio. Assim sendo esta última etapa

serviu para condenar Jesus oficialmente. Possivelmente José de Arimatéia e Nicodemos voluntariamente se excluíram desta reunião, a fim de não participarem da condenação de Jesus Cristo.

Ao analisarmos as três etapas do julgamento religioso de Jesus é necessário fazermos uma pergunta. Houve legitimidade no julgamento de Jesus? Os evangelhos são contundentes em afirmar que a prisão e condenação e morte de Jesus foram premeditadas pelos membros do Sinédrio que há dias “*havam resolvido matá-lo*” (Jo. 11:47,50,53).

Tudo isto fica ainda mais claro quando percebemos as diversas irregularidades processuais cometidas pelo Sinédrio.

Fosse o que fosse que o sumo sacerdote desejasse fazer com Jesus entre às 11 horas da noite e a manhã - digamos 5h 30min -, não podia julgá-lo formalmente antes do amanhecer. A Mixmá determina que “em casos de crimes capitais, o julgamento deve ser feito durante o dia e deve se chegar também a um veredicto também durante o dia” (Sanhedrin 4,1), e essa é uma regra muito antiga que deveria estar em vigor na época de Jesus. Infelizmente a mixmá também nos diz na mesma passagem que os julgamentos não podem se realizar na véspera de uma festa (como foi o julgamento de Jesus) e que um veredicto de condenação não pode ser dado antes do dia seguinte ao julgamento (ao passo que o julgamento e a condenação de Jesus foram no mesmo dia). Se todas estas regras estavam em vigor no tempo de Jesus, então, do ponto de vista técnico, seu julgamento foi irregular.³²⁸

Portanto conclui-se que o julgamento religioso de Jesus, de fato, foi irregular e injusto, enfim, fora uma farsa!

1.2 Julgamento civil

Após passar toda a noite sendo julgado pelo Sinédrio e ser oficialmente condenado, Jesus foi remetido a Pilatos, para então processar-se a primeira das três etapas do julgamento civil.

Antes de descrevermos os 3 inquéritos, é interessante analisarmos qual seria a razão desse duplo processo judicial pelo qual passara Jesus. A razão deste duplo processo judicial, segundo James Talker, era a situação política do país. A Judéia achava-se diretamente sujeita ao império de Roma. Esta, porém, não tinha por costume abolir, nos países que subjugava, todas as formas de governo nacional. Muito embora dominasse com braço de ferro, concedia aos povos conquistados todos os sinais de que do seu antigo poder lhe era possível conceder. Isto era especialmente tolerante em matéria de religião. Assim, o sinédrio, o supremo tribunal eclesiástico dos judeus, gozava ainda do privilégio de julgar todas as causas religiosas e aplicar a sentença final, inclusive a de morte.

Porém, quando a sentença era de morte, os judeus não tinham poderes para executá-la. Portanto, era forçoso, enviar Jesus à presença de Pilatos para que fosse julgado pelo tribunal civil e receber assim a pena capital.

³²⁸ WILKINSON, John. *Jerusalém anno domini*. São Paulo: Melhoramentos, 1993. p. 133

Assim sendo, a primeira etapa do julgamento civil, se deu quando Jesus compareceu a primeira vez perante Pilatos. Neste episódio, Jesus não respondeu a nenhuma das acusações feita pelos principais sacerdotes, o que para Pilatos, fora motivo de grande admiração (Mt. 27:11-14).

A segunda etapa do inquérito político deu-se perante Herodes Antipas, que desprezou a Cristo, humilhou-o, e logo mandou-o de volta à Pilatos.

A terceira etapa do inquérito acontece novamente perante Pilatos. Este, conquanto não achasse “*crime algum*” em Jesus para condená-lo (Lc. 23:14), deixou-se persuadir pelo povo que era incitado pelos principais líderes judaicos, e condenou Cristo à pena máxima de morte, a ‘*crucificação*’.

2 Morte por crucificação

A crucificação era o tipo de morte mais tortuosa, horrenda, desumana e sem misericórdia que jamais foi inventada pelo homem. A palavra excruciante, termo moderno para indicar tortura ou dor intensas, se deriva deste vocábulo-cruz.³²⁹

Não há dúvidas de que a morte por crucificação se tornou um dos mais infames e cruéis métodos de tortura do mundo antigo. Este tipo atroz de execução foi considerado por Cícero de a mais cruel e horrenda das torturas. Flávio Josefo, o grande historiador judeu, assistiu a muitas crucificações e as chamava de a mais desprezível das mortes.³³⁰

O *stauros* (vocábulo grego) para “poste”, “cruz” originalmente era um poste de ponta afiada, em cima do qual as vítimas eram lançadas, para ficarem ali suspensas e torturadas. Era usado na Pérsia e em Roma dos tempos antigos..., entre os fenícios e os cartagineses, e, posteriormente, pelos romanos. Contudo um cidadão romano não podia ser crucificado. A cruz era a punição capital reservada à classe criminosa mais abjeta, bem como aos escravos... Ao tempo de Cristo, três tipos de cruces eram usadas - uma quase que semelhante a nossa letra X (chamada cruz de Santo André), outra parecida com nossa letra T (chamada cruz da Santo Antônio), e a cruz latina de desenho bem conhecido +. Não há absoluta certeza sobre a modalidade de cruz que foi empregada quando da execução de Jesus, mas a maioria dos estudiosos acredita que tenha sido a de último tipo.³³¹

A crucificação por sua vez tinha lugar fora dos muros da cidade. Nosso Senhor “*Jesus para santificar o povo pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta*” (Hb. 13:12). A vítima do suplício deveria carregar a sua cruz até o local da execução. “*Tomaram eles, pois, a Jesus; e Ele próprio carregando a sua cruz, saiu para o lugar chamado Caveira*”. (Jo. 19:17). A morte usualmente demorava muito, raramente exigindo menos de trinta e seis horas, e ocasionalmente se prolongava por nada menos que nove dias.³³²

³²⁹ CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado*. v. 1-2. São Paulo: A Voz Bíblica, 1991.

³³⁰ CHAMPLIM, 1991.

³³¹ CHAMPLIM, 1991, p. 1020.

³³² CHAMPLIM, 1991.

A morte de Cristo, para perplexidade dos soldados, deu-se em nada menos que seis horas, e estes nem precisaram *“lhe quebrarem as pernas”* (Jo. 19:33), o que era considerado um golpe de misericórdia, que apressava a morte da vítima.

As dores eram intensas, e as artérias da cabeça e do estômago ficavam grossas de sangue. Às vezes declarava-se morte traumática e tétano.³³³ Tendo em vista estes fatos e identificado quão traumática foi a morte de nosso mestre, fica-nos a pergunta. Por que Jesus sofreu a pena da crucificação executada pelos romanos sendo Ele um Judeu?

Porque Jerusalém na época de Cristo, estava subjugada aos Romanos. Portanto toda decisão de pena capital deveria passar a cabo do governador de Roma. Ainda que Roma concedesse o privilégio aos judeus de julgar as causas religiosas e aplicar a pena final, inclusive a de morte, estes não detiam o poder e autoridade para a execução. Deste modo Jesus forçosamente deveria passar pelo tribunal civil romano a fim de ser julgado politicamente e receber assim a pena capital, a *‘crucificação’*. A aplicação da pena de morte por crucificação, deu-se pelo fato de ser este o modo pelo qual os romanos executavam suas vítimas naquela época.

3 As sete últimas solenes palavras de Jesus na cruz

Sem dúvida alguma a crucificação foi o momento mais dramático da vida de nosso Senhor Jesus Cristo. E naquela hora, muito embora o seu corpo estivesse preso, sua cabeça pendia livre, podendo assim, não somente ver o que se passava ao seu redor, mas também falar. Proferiu, nos intervalos, sete frases que chegam ao nosso conhecimento por meio das Escrituras. São sete janelas, que se abrem, desnudam o interior de Cristo, para assim podermos ver o que se passou no Seu coração, além de analisar as lições e implicações que estas palavras trazem ao ensino religioso nas escolas, hoje.

Cada uma dessas sete declarações, mostram que Ele conservou intactas a majestade e serenidade que o caracterizaram durante o julgamento. As três primeiras frases denotam profundamente a total abnegação de Jesus e ocorreram antes de sobrevir o período de trevas, precisamente entre as nove e doze horas daquela terrível sexta-feira. Estas três primeiras frases foram ditas em benefício de terceiros.

Quando O estavam pregando no madeiro, Ele absorveu-se em *‘oração pelos seus inimigos’*, *“Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”* (Lc 23:34). E mesmo em meio a cruz encontrou sentido para conceder *‘vida na hora da morte’* para um ladrão arrependido, *“Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso”* (Lc 23:43), e ainda demonstrar amor e afeição à mãe, provendo-lhe uma nova casa para morar, sob os cuidados de João, *“Mulher eis aí o teu filho... João eis aí tua mãe”* (Jo 19:26,27).

As quatro declarações posteriores foram verbalizadas após o terrível período de trevas, que ocorreu das doze às quinze horas. O Senhor Jesus havia passado suas três últimas horas na cruz num silêncio tétrico, até que por fim, dera um brado proveniente de uma angústia que a mente humana jamais aprofundará. *“Deus meu Deus meu por que me desamparaste”*. Este foi o seu *‘brado angustioso ao Pai’*, do qual se sentiu abandonado ao se fazer pecado por nós (2 Co 5.21).

Jesus tinha total consciência do fim e muito embora estivesse com uma avassaladora sede, *“Tenho sede”* (Jo 19.28). Proclamou a vitória na hora da morte,

³³³ CHAMPLIM, 1991.

“Está consumado”(Jo 19.30). E por último expirou com as palavras do salmista nos lábios, “Pai em tuas mãos entrego o meu Espírito” (Sl. 31.5; Lc. 23:46).

Todas essas quatro palavras de Jesus acerca de si mesmo têm significados especiais, elas nos comunicam de forma candente e veemente a natureza expiatória de nosso Senhor Jesus Cristo. Examinemos, portanto, com detalhamento *as implicações didático pedagógicas das sete últimas solenes palavras de Jesus na cruz.*

3.1 A oração pelos inimigos - Lc 23:34

Era pouco mais de nove horas, e o Senhor Jesus, momentos antes, havia caminhado em direção ao Gólgota, após passar a noite mais dolorosa de sua vida. Uma noite em que não houve descanso, água, comida, antes sim, um brutal e selvagem espancamento aliado à severa zombaria.

Agora, Ele faz a última caminhada de sua história por entre a via dolorosa carregando uma pesada trave em suas costas, de aproximadamente 49 quilos. Esta, possivelmente fazia abrir as feridas causadas pelas frias e dolorosas chicotadas do “flagrum”, um tipo de chicote que, segundo Josh MacDowell, tinha o cabo flexível ao qual eram atadas longas tiras de couro de vários comprimentos, cujo pedaços de ossos e chumbo, agudos e denteados, eram traçados entre elas.³³⁴

Os efeitos deste tipo de chicote são devastadores, segundo Eusébio, um historiador do século terceiro, as veias do condenado ficam expostas. O que também acontece com os músculos, tendões e vísceras da vítima. Will Durant diz que o corpo se torna uma massa de carne inchada e sangrenta.³³⁵

Dado momento no suplício, Jesus geme e cai de joelhos, o madeiro vai ao chão. Não pragueja contra a travessa a qual será pregado. O seu coração inclusive neste momento é grato.

Enfim chegam ao monte chamado Caveira. É esticado ao chão por sobre o madeiro, para então cravarem seu pulso rente à trave. Uma dor terrível, indistinta, sobe-lhe pulsando pele axila e pescoço. E então a cruz é erguida, fazendo com que o Senhor penda livremente pelos braços, para então após alguns minutos bradar em *oração pelos inimigos: “Pai perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”(Lc.23:34).* Esta primeira frase do Senhor Jesus reflete toda sua vida, sendo uma aplicação eficaz de tudo aquilo que ensinou e viveu (Mt. 6:12; Mc.11:25; Lc. 17:1-4).

Sem dúvida alguma Jesus irradiou de forma tremenda na cruz todo seu espírito perdoador. Este clamor foi notável, especialmente se nos lembrarmos que todo esforço para proferir qualquer palavra se constituía em sofrimento, nem mesmo todo esse sofrimento físico fez com que ele se calasse e se esquecesse dos homens, pelo contrário, amou-os até o fim.

Esta oração de perdão proferida por Jesus, não se restringe aos soldados, que em ignorância circunstancial cometeram todas àquelas atrocidades com o filho de Deus, nem tão pouco aos judeus que ignorantemente fecharam os próprios olhos à realidade de ser Jesus o seu próprio Messias, bem como aos romanos, por o condenarem judicialmente à crucificação. Na minha opinião, a natureza deste perdão vai varrer toda a humanidade e ecoar para todo sempre no ouvido de todos os seres humanos que são altamente necessitados da graça e perdão do Senhor.

A amplitude desse perdão, segundo Russel Normam Champlim, é de

³³⁴ MCDOWELL, Josh. *As evidências da ressurreição de Cristo*. São Paulo: Candeia, 1985.

³³⁵ MACDOWELL, 1985.

natureza universal, pois de conformidade com a doutrina neotestamentária, *todos os homens* compartilharam da morte de Cristo, posto que ele morreu pelos pecados de todos. O perdão, portanto, é tão largo e profundo quanto o pecado. O pecado tem sido universal, e o perdão oferecido também tem sido universal.³³⁶

A primeira lição didático pedagógica que tiramos da crucificação de Jesus Cristo é o perdão. Se quisermos ser professores que prevalecem em meio ao desafiador quadro educacional brasileiro, precisamos aprender a perdoar.

Perdoar a nós mesmos. Certamente como professores, em um momento ou em outro, iremos falhar. Afinal, somos humanos. E sendo humanos, somos falhos. Aprender a perdoar a si próprio é essencial para a carreira profissional educacional.

Perdoar a nossos alunos. O perdão é uma lição ao alcance de qualquer professor. Invariavelmente alunos irão agir de maneira incorreta numa sala de aula. E nós, precisamos aprender a perdoá-los por isso. E esse poder de afeto das palavras de Jesus nos auxiliam nesse processo desafiador do perdão.

3.2 Vida na hora da morte - Lc. 23:43

Após Jesus proferir sua primeira frase, um dos soldados pendura uma tabuleta bem no alto da cruz, cujo estava escrito em hebraico, latim e grego “*Este é o Rei dos Judeus*” (Lc. 23:38).

Ali estava Jesus, em meio ao escárnio e zombaria do povo, autoridades, transeuntes e soldados, que diziam: “*Aos outros salvou; salve a si mesmo, se és tu o Cristo, o escolhido de Deus*” (Lc. 23:35).

Em detrimento a este episódio, um dos malfeitores em tom de blasfêmia e acusação disse: “*Não és tu o Cristo? salva-te a si mesmo e a nós também*” (Lc. 23:39). Aquele que foi “*como a ovelha que é muda perante os seus tosquiadores*” (Is. 53:7), fica em silêncio, e em face ao Seu silêncio secular, o outro malfeitor solta uma frase em Sua defesa censurando o mal procedimento de seu companheiro: “*Nem mesmo temes a Deus, estando em igual sentença?*” (Lc. 23:40). Este malfeitor, ao contrário do zombador, reconhece seu próprio pecado, declara a inocência de Cristo (v. 41) e demonstra fé notável ao empenhar a própria vida à Jesus que estava num momento de muita humilhação, além de total decadência aos olhos humanos.

Logo após este malfeitor clamar por perdão, o Senhor Jesus contorcendo-se com muitas dores, move o pescoço em direção àquele arrependido malfeitor e com muito esforço declara sua segunda palavra: “*Em verdade te digo hoje mesmo estarás comigo no paraíso*” (v.43). Esta frase de Cristo pinta um cenário marcante de salvação na vida de um homem que até então, conduzia-se totalmente perdido e desorientado rumo ao juízo divino.

É neste cenário de agonia e tragédia que este homem encontra a ‘*Vida na hora da morte*’, e assim respira à atmosfera do sentimento de esperança transmitido pela palavra “*hoje*”, que lhe dá a certeza de um bem próximo futuro melhor. Conquanto esta palavra tenha sido dirigida para o benefício deste malfeitor, ela não fica limitada à ele, ela atinge à mim e a você com cinco verdades que demonstram o grande poder do arrependimento bem como as realidades da vida eterna e imortalidade da alma.

³³⁶ CHAMPLIM. 1991, p. 229.

As cinco verdades são as seguintes:

- 1- O sono da alma é uma doutrina falsa, uma vez que a alma é imortal, e capaz de sentir e existir noutra dimensão (II Co. 5:8).
- 2- A doutrina da justificação pela fé é real (Rm. 3:24).
- 3- Existe um verdadeiro estado espiritual para onde vão as almas dos remidos, intitulado paraíso, céu etc. (Jo 14:1-6; Ap. 21-22:1-5).
- 4- Cristo é o Salvador do mundo, dotado de autoridade para salvar eternamente a alma de um pecador arrependido (Rm. 5:5,8; Jo 3:16).
- 5- Por último, as ordenanças humanas e divinas tais como batismo e ceia do Senhor, não são necessárias para conduzir o homem ao céu (At 3:19; 16:31; Rm 0:9,10,13).

Estas são algumas das implicações que destaco em detrimento dessa segunda declaração de Cristo. Dentre elas a de maior relevância sem dúvida é o fato de Cristo ser o Salvador do mundo.

Uma das tarefas do professor é conduzir os alunos a atravessarem a ponte da ignorância ao conhecimento. É direcioná-los da nescianidade à intelectualidade. Como professores precisamos nos esmerar na entrega do conhecimento. Precisamos nos esmerar no preparo das aulas. Precisamos ser o fio condutor que levará o conhecimento ao aluno. Que o tirará do poço da ignorância. Que o colocará no paraíso do conhecimento.

3.3 O último pedido de Jesus - Jo 19:26,27

Pouco antes de sobrevir o período de trevas, o Senhor Jesus se encontra rodeado por quatro corajosas mulheres que *“estavam em pé, junto à sua cruz”*, estas são respectivamente, *“sua mãe Maria; Salomé, mãe de João e Tiago (Mt. 27:56), Maria, mulher de Clôpas, e Maria Madalena” (Jo. 19:25)*.

Estas mulheres, demonstraram total afeto à pessoa de Jesus, ao se aliarem à Ele, num momento crucial de sua vida, quando nem mesmo seus discípulos, à exceção de João, tiveram à audácia e coragem de estar com Ele.

Nesta cena podemos perceber que, nem mesmo o fato de Jesus sofrer a agonia da expiação pelos pecados do mundo (Jo. 3:16, Rm. 5:6-8), fez com que Ele se esquecesse de sua amada mãe.

Portanto em dado momento, Jesus olha para ela com olhos amorosos e suplicantes, a chama de mulher, linguagem esta, que segundo Anthony Lee Ash, em grego é um termo de consideração, e não desrespeito, além de ser a linguagem comum da época (Jo. 2:4), e declara uma terna solicitação, ao pedir que João cuide dela, proferindo assim *Seu último pedido estando na cruz*. E diz-nos o texto que *“desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa” (Jo. 19:26,27)*, demonstrando assim, total complacência ao pedido de seu mestre (ASH, 1980).

O mais impressionante desta declaração, é que em meio a sua terrível agonia corporal e mental, no momento da crise maior, Jesus aflora a sua natureza puramente altruísta encontrando espaço em seu coração para pensar no estado de desamparo e abatimento que sobreviria sobre sua mãe ao sentir a morte de seu filho. Daí ter dito, *“Mulher, eis aí o teu filho... João, eis aí tua mãe” (Jo. 19:26,27)*.

O olvidar-se de seus próprios sentimentos a fim de cuidar de seu próximo, continuou a ser uma realidade na vida de Cristo mesmo em meio à morte. Enfim, o altruísmo de Jesus realmente vem a ser a maior lição que podemos tirar de sua terceira palavra na cruz.

Que implicação didática podemos tirar desta frase? Para ser professor nos dias de então, mais do nunca, é necessário ter altruísmo. Alunos que não se comportam. Alunos que não cooperam. Alunos que não se interessam. Alunos que desobedecem. Alunos, alunos, alunos. Desafio gigante. Que só é vencido com boa dose de amor à causa. E lançando mão do poder de afeto das palavras de Jesus na cruz para nos incentivar e inspirar a abnegar.

Após olharmos para as três frases de Jesus em detrimento à terceiros, veremos suas quatro palavras acerca de Si mesmo.

3.4 O brado angustioso ao Pai - Mt 27:46; Mc 15:34

Poucos minutos após o Senhor fazer a terna e amável solicitação à João para provisão de sua mãe. Os trovões dão seu grito de alarde e uma dramática escuridão toma conta dos céus em pleno meio-dia. A natureza se revolta, o céu simplesmente se escureceu como se uma gigantesca cortina houvesse sido baixada. E assim a natureza física denota todo o seu protesto e desprazer contra os maus desígnios dos homens.

Do meio-dia à aproximadamente às quinze horas, nada é relatado em relação à Cristo, porém sabe-se que muito provavelmente João teria ido embora com Maria afim de polpá-la de um sofrimento ainda maior (Jo. 19:27).

Esse período de trevas na vida de Cristo, se transforma também em momento de crise, silêncio e solidão. Esta solidão intensifica em maior desolação, quando Jesus dá o *Seu brado angustioso ao Pai*, ocorrido “à hora nona”, ou seja, às 15h, “*Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?*” (Mt. 27:46; Mc. 15:34).

Esta primeira palavra que Cristo dá a respeito de si mesmo, é a única das 7 declarações dadas ao mesmo tempo por Mateus e Marcos (Mt. 27:46; Mc. 15:34). É importante lembrar que as Suas 3 primeiras palavras proferidas na cruz diziam respeito ao próximo. Durante as três primeiras horas na cruz, Jesus, abnegadamente pensou no bem dos outros. E as três horas posteriores, Ele fica num silêncio tétrico, para então, somente no fim da vida, ser capaz de proferir uma frase, que, agora sim, diria respeito a si próprio.

Esta primeira declaração de Cristo acerca de si mesmo, vai ultrapassar as fronteiras de Jerusalém, para ecoar “*até os confins da terra*” (At 1:8), e comunicar à todos os homens a natureza expiatória do Senhor Jesus Cristo (II Co 5:21).

A morte vicária de Cristo veio a ser a verdade de maior importância para a humanidade pecadora, uma vez que “*Ele sofreu em nosso lugar*” (I Pd 2:21), “*carregando em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados*” (I Pd 2:24; 3:18). Enfim “*Aquele que não conhecia pecado, foi feito pecado por nós para que n’Ele fossemos feitos justiça de Deus*” (II Co 5:21; Hb 9:14,28; Is 53:5,6; I Co 15:34; Rm 5:1-11). Percebemos, portanto, que a ênfase maior destas palavras vem a ser a substituição e integridade.

Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Estas palavras foram ditas para mostrar como Jesus foi verdadeiramente, e, literalmente, feito nosso substituto; como Ele foi feito pecado e maldição por nós, suportando sobre si mesmo a justa ira de Deus contra os pecados do mundo. Naquele horrível momento, a iniquidade de todos nós foi posta sobre Ele, até às últimas consequências. “Ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar” (Is. 53:10). Ele levou os nossos pecados e levou sobre Si as nossas

transgressões. Essa carga deve ter sido extremamente pesada; real e literal foi a substituição efetuada pelo nosso Senhor em nosso lugar, quando Ele, mesmo sendo o eterno Filho de Deus, foi capaz de dizer que tinha sido “desamparado” pelo Pai.³³⁷

Qual a implicação didática desta frase para o professor de ensino religioso? Uma das lições que precisamos ensinar aos alunos é a integridade. Jesus Cristo foi íntegro. Perfeito. Só alguém perfeito de caráter como Cristo, poderia pagar este preço em nosso lugar.

A implicação disto é que precisamos ser profissionais íntegros. Precisamos agir com transparência. Precisamos suar a camisa em sala de aula e fora dela no preparo das aulas e das provas, das tarefas.

E precisamos ensinar a respeito da ética aos nossos alunos. Essa é matéria prioritária num curso de ensino religioso. Dizer a verdade sempre. Perdoar. Ser sincero. Agir com lealdade com os colegas. Respeitar o professor. Tudo isso cai dentro da integridade.

3.5 O grito de angústia física - Jo 19:28

Logo após Jesus dar o seu brado angustioso ao Pai, Ele profere sua segunda palavra na cruz acerca de si mesmo e sua quinta palavra no total. Sem dúvida alguma, conforme já dito, a noite que Jesus foi preso, fora a mais dolorosa de toda a sua vida. Nesta noite não houve descanso, *água*, comida, antes sim, um brutal e selvagem espancamento aliado a severa zombaria.

O fato de Jesus ter passado toda àquela noite sendo julgado, zombado, espancado, leva-nos a refletir o período de horas que Ele tivera ficado sem sequer uma gota d'água, 18h aproximadamente, levando em consideração que Ele fora preso no fim da noite de quinta, mais ou menos às 23h. (Mt. 14:43-52; Mc. 4:43-52; Lc. 22: 47-53; Jo. 18:1-11) e bradado por sede às 15h de sexta feira, “*véspera do sábado*” (Mc. 15:42), após passar 6h na cruz.

No madeiro Ele ficara as três primeiras horas exposto ao sol forte e quente, “*a língua apegada ao céu da boca*” (Sl. 69:21), não tinha mais saliva, a garganta seca, sangue esvaindo-se, possivelmente ardendo em febre, costela aparecendo, as mãos varadas, peso sobre os pés, tudo isto naturalmente causou a avassaladora *sede* que sentia Jesus, fazendo assim, com que Ele desse o *Seu grito de angústia física*. “Tenho sede! exclamara Cristo; e solicitou algum alívio para essa pesada adição aos seus muitos e intoleráveis sofrimentos. Foi um comovente grito da parte daquele que garantia: ‘...o que crê em mim, jamais terá sede...’ (Jo. 6:35), porém asseverara: ‘...pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna...’ (Jo. 4:14). Essa água viva Ele verdadeiramente concede. Todavia para obtê-la para nós, Ele mesmo teve de experimentar “...uma terra árida, exausta, sem água...” (Sl. 63:1).³³⁸

O professor que nunca passou por um período de angústia física que atire a primeira pedra. Qual lição/implicação didática podemos tirar deste brado de angústia física dado por Jesus?

³³⁷ RYLE, J. C. *Meditações no Evangelho de Mateus*. São Paulo: Fiel, 1991. p. 251.

³³⁸ GOSSIP *apud* CHAMPLIN, 1991.

A bem da verdade é que ser professor é tarefa árdua. Não poucas vezes nos estressamos em sala de aula. Alguns ficam angustiados, e até mesmo deprimidos. Jesus não teve alternativa ao passar por seu momento de angústia física. Mas nós professores temos. Precisamos aprender a equalizar a vida. Aprender a desfrutar de momentos prazerosos, tais como uma atividade física, uma alimentação balanceada. Esse grito de angústia física de Cristo vem como alerta para nós profissionais da educação.

3.6 O brado de vitória - Jo 19:30

Realmente o Senhor Jesus encontrava-se plenamente de acordo com os propósitos de Deus (Jo. 2:4; 5:19-20; 7:6,30; 8:20). E após ofegar dizendo “*Tenho sede*” (Jo. 19:28), os soldados, vendo Jesus sorver na cruz, talvez num gesto de bondade, embebem de vinagre (vinho azedo) uma esponja, e com uma vara, elevam a bebida à boca de Cristo, que agora aceita, ao contrário de antes (Mt. 27:34) quando lhe ofereceram vinagre com fel, que é uma bebida atordoadora que teria por finalidade suavizar sua dor.

E após Jesus tomar o vinagre, Ele dá o *Seu brado de vitória*, “*Está consumado!*” (Jo. 19:30). Mas o que significa isso? O que Jesus queria comunicar com estas palavras? Neste momento Jesus estava declarando para todo o mundo que, o que acontecia naquela hora não era mero acidente, não era obra do ocaso, posto que a obra maior de Deus prevista no passado em tempos imemoriais, estava sendo consumada agora. Ele não estava sendo vítima das circunstâncias, nem tão pouco de uma conspiração humana, pelo contrário, Ele voluntariamente entregava Sua vida (Jo. 10:18).

Conquanto houvesse uma conspiração humana que resultara na crucificação de Cristo, havia por de trás uma conspiração divina (Jo. 2:4; 5:19-20; 7:6,30; 8:20; 11:04; 12:23; 17:1,21), daí Ele poder gritar vitoriosamente, “*Está consumado!*” Foi particularmente em sua morte substitutiva que Cristo Jesus demonstrou total complacência e obediência à vontade de Deus Pai, sendo também esta, a prova mais severa de seu infinito amor pela humanidade (Rm. 5:8).

A exclamação, *Está consumado!* não foi o arfar de uma vida desgastada, e, sim, a declaração deliberada de uma consciência clara de que sua grande obra estava terminada, que todos os propósitos de Deus estavam sendo concretizados (ver João 17:4) e que agora já fora feito tudo quanto era possível ser feito para tornar Deus conhecido dos homens, identificando-o comigo.³³⁹

Todas as sete frases de Cristo, como temos visto, tem significados especiais, mas sem dúvida esta sexta declaração é a mais importante de todas, uma vez que todas as profecias messiânicas estavam minuciosamente sendo cumpridas em Jesus Cristo, o Messias (Jo. 19:28).

Este brado de vitória de Cristo, é a vitória final d’Ele mesmo, e é também a vitória de toda a humanidade (Rm. 8:31-37). Se é a vitória de toda humanidade, é também a vitória de nós docentes. E como docentes, vivemos para concretizar nossos planos pedagógicos educacionais. Não podemos desistir. Por mais que seja extenuante. Por mais que seja desafiador. Precisamos perseverar. Precisamos ser

³³⁹ DODS *apud* CHAMPLIN, 1991, p. 622.

verdadeiros acrobatas para controlar uma sala de aula. Jesus consumou sua obra na cruz. E nós precisamos consumir nossa obra educacional. Até num grande dia poderemos afirmar... está consumado!

3.7 O brado de resignação e entrega - Lc 23:46

Havendo Jesus dito que a salvação da humanidade estava consumada, “o véu do santuário rasgou-se de alto à baixo” (Mt 27:51; Mc 15:38; Lc 23:45) expondo assim a entrada do lugar mais santo. Esta, de fato foi uma demonstração do poder divino; e não do homem! De agora em diante um novo e vivo caminho está aberto para se chegar-se a Deus, tudo em virtude do sacrifício de Jesus (Hb 2:11-22; 10:20).

Agora, ao estar “tudo consumado” (Jo 19:30), Jesus podia com grande voz clamar “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23:46). Esta é a última solene frase de Jesus na cruz.

Ele “expirou” com esta frase, que na realidade, é uma citação extraída do Salmo 31:5. De fato, foi extraordinário Cristo ter feito esta oração ao morrer, dado que “esta era a oração noturna aprendida pelos judeus desde a infância”³⁴⁰.

O grito em alta voz de Cristo comunica-nos que Ele não morreria de exaustão. A palavra “entrego” indica a natureza voluntária de Seu sacrifício expiatório. Esta última frase, é uma reafirmação, bem como uma total aplicação do que já houvera dito anteriormente, “...eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também reavê-la...” (Jo 10:17,18). Jesus tivera feito uso da vida que lhe fora dada, realizado Sua incumbência divina, e agora devolvia sua vida à Deus, demonstrando que fora até o seu final.

O brado de resignação e entrega fora a última frase proferida por Cristo como homem mortal. Sem dúvida, sua última palavra, deixa-nos a marca de sua fé na imortalidade e certeza na misericórdia de Deus. É impressionante o fato de que Cristo não morreu como nós morremos. Nós, não podemos escolher em relação à morte, somos obrigados a morrer. Ele morreu *voluntariamente*. “...Ele tentara ensinar a um punhado de homens, para que fossem discípulos seus. Dentre esses, um deles o traíra, outro negara, nenhum deles o pudera compreender, e todos fugiram. Então esse: ‘Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito...’ Desolação pode ser a palavra certa, mas não desespero: Pelo contrário, uma confiança inabalável, que avançava em meio ao tumulto, para respirar o seu último hálito, quando o paroxismo final da dor tivesse passado, com a visão segura e repousante de uma criança exausta: ‘Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito’”³⁴¹.

Pronto. Está feito. Jesus morreu na cruz por nós. Jesus se entregou em nosso lugar. Morreu a nossa morte, para que vivêssemos sua vida. E nós devemos nos entregar em prol dos alunos a quem atendemos dia após dia. E nós devemos viver uma vida em prol dos alunos.

Um professor dedicado à sua profissão é uma ferramenta extremamente útil à sociedade. Não há dúvida que esta seja a principal das implicações didáticas. Visto que implica na anulação de nosso obstinado eu. A doação é uma excelente ação. Passemos,

³⁴⁰ ASH, Anthony Lee. *Comentário Bíblico Vida Cristã*. Evangelho Segundo Lucas. São Paulo: Vida Cristã, 2000; ASH, Anthony Lee. *Comentário Bíblico Vida Cristã*. Evangelho Segundo João. São Paulo: Vida Cristã, 1999. p. 326.

³⁴¹ SCHERER *apud* CHAMPLIN, 1991.

portanto, às considerações finais deste artigo.

Considerações Finais

Sem dúvida alguma a atroz crucificação a que fora submetido nosso Senhor Jesus Cristo, foi um momento de muita dor, sofrimento, enfim o momento da dor maior para o puro e imaculado Senhor Jesus de Nazaré. Estas sete últimas solenes frases proferidas pelo Senhor Jesus na cruz, são como que sete janelas que foram abertas para darem vazão ao mais belo interior já visto pela humanidade.

Cada uma das sete declarações de Jesus mostrou que Ele conservou intactas a majestade e serenidade que o caracterizaram durante o julgamento. As três primeiras palavras a floraram de modo incrível a total abnegação de nosso Senhor. Ele inclusive naquele momento, ao sorver em sangue, altruisticamente compadeceu-se, e do fundo de Seu coração pensou no seu próximo. Isto fora deveras intuitivo acerca de Sua natureza e deve nos tocar de forma especial e nos marcar no que considero ser um dos principais termos do desafiador mundo pedagógico, a *abnegação*.

Ser profissional da educação consiste numa incessante entrega e dedicação. Um bom profissional se doa, se esmera, não deixa seus alunos entregues à própria sorte! Mas luta por uma educação digna. Estuda! Faz cursos. Quer se tornar a cada dia um profissional melhor. Assim como Jesus se doou, nós precisamos nos doar.

Em suas quatro últimas frases proferidas como homem mortal, Jesus comunica-nos a verdade de maior importância para a humanidade que jaz no pecado, a *substituição*. E foi através desta substituição, de Sua morte vicária, que hoje temos aberto ao rés do chão um “novo e vivo caminho” para chegarmos ao céu, para chegarmos à Deus. Portanto a coisa mais inteligente que todo ser humano tem a fazer é curvar-se diante de d’Ele em profunda adoração.

Jesus, ao proferir suas *sete últimas solenes palavras*, deixa-nos a marca de um profundo senso de determinação e obediência à vontade do *Pai*. Determinação. Essa é a palavra. Só quem já encarou a sala de aula sabe o que é ser professor na prática. É desafiador. É emocionante. É uma dádiva. Que estas palavras nos levem à reflexão e nos conduzam a uma vida de eterna gratidão a Deus e entrega aos nossos discentes.

Referências

ALVES, Nilda. LIBÂNEO, José Carlos. *Temas de Pedagogia: diálogos entre didática e currículo*. São Paulo: Cortez, 2015.

ALVES, Nilda. *Criar currículo no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2014.

ARAÚJO, Oliveira Bitencourt. *As sete últimas palavras do Senhor Jesus*. Vitória: Primeira Igreja Batista de Vitória, 1997. 1 fita. (cassete).

ASH, Anthony Lee. *Comentário Bíblico Vida Cristã*. Evangelho Segundo Lucas. São Paulo: Vida Cristã, 2000.

ASH, Anthony Lee. *Comentário Bíblico Vida Cristã*. Evangelho Segundo João. São Paulo: Vida Cristã, 1999.

CARVALHO, Janete Magalhães; FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2016.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado*. v. 1-2. São Paulo: A Voz Bíblica, 1991.



- CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Cristina Venancio. *Práticas de Memória Docente*. São Paulo: Cortez. 2012.
- HOLMES, Marjorie. *O Messias*. São Paulo: Mercuryo, 1994.
- MCDOWELL, Josh. *As evidências da ressurreição de Cristo*. São Paulo: Candeia, 1985.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa. *Alternativas emancipatórias em currículo*. São Paulo: Cortez, 2013.
- PACK, Frank. *Comentário Bíblico: o Evangelho Segundo João*. São Paulo: Vida Cristã, 1983.
- ROBERTSON, A. T. *Épocas na vida de Jesus*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1999.
- ROBERTSON, A. T. *A vida de Cristo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1948.
- RYLE, J. C. *Meditações no Evangelho de Mateus*. São Paulo: Fiel, 1991.
- RYLE, J. C. *Comentário do Evangelho de João*. São Paulo: Fiel, 1986.
- STALKER, James. *A Vida de Cristo*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1985.
- WILKINSON, John. *Jerusalém anno domini*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.